



Humberto Calloni<sup>1</sup>, Karine Ferreira Sanchez<sup>2</sup>

Resenha do Livro: Morris, Desmond. **O contrato animal** (Traduzido por Lúcia Simonini). Editora Record. 1990.

Se o homem não for capaz  
de honrar o contrato com os animais,  
ele poderá seguir o mesmo caminho do dinossauro,  
tornando-se um fóssil numa era futura...  
(Desmond Morris)

A premonição de Desmond Morris, que estampa a capa do livro com o mesmo título que atribuímos a esta resenha, não precisaria ser exaustivamente demonstrada. Basta verificarmos a explosão populacional humana no planeta (atualmente, cerca de 7,3 bilhões de pessoas) e a fúria assassina com que inúmeras espécies animais são vítimas diariamente. Para Morris, há um profundo abismo entre os humanos e as demais espécies, principalmente de animais selvagens, o que leva a um desequilíbrio evidente nos diferentes ecossistemas planetários, sem mencionarmos a desertificação crescente, o desmatamento com o corte de árvores milenares, as inúmeras poluições antrópicas matando rios, riachos, mares com suas populações animais e vegetais, causadas pelas indústrias, fazendas, e o aparato tecnológico que nos oculta da real situação em que vivem os animais para o abate.

O livro de Desmond Morris, doutor em biologia, zoólogo e etólogo britânico, foi publicado em 1990, portanto, tem apenas 16 anos, mas, certamente, as estatísticas sobre a degradação do meio ambiente datam da década anterior e, ainda assim, é um livro atual, bastando que tenhamos em mente o aumento exponencial da matança de espécies animais e vegetais e o aumento populacional de humanos no planeta Terra.

Nos últimos quarenta anos as florestas tropicais foram reduzidas à metade de sua área primitiva. Cerca de 44 milhões de hectares são destruídos todo o ano. Isso significa oito hectares por minuto, a cada minuto, noite e dia,

<sup>1</sup> Atualmente é Professor da Universidade Federal do Rio Grande, doutorado em Educação pela Universidade Federal do RS - UFRGS. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa da Complexidade - GEC/FURG/CNPq.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental - PPGEA/FURG.

todo ano, ano após ano (...) estima-se que, no ritmo atual de destruição de florestas, uma espécie animal é extinta a cada dia. (pg.79).

No Brasil, dados recentes publicados pelo Correio Riograndense de 01 de junho deste ano, registram que o desmatamento ilegal da Floresta Amazônica avança “a despeito da importância que a comunidade científica mundial e a sociedade atribuem ao bioma e ao impacto de sua destruição no clima global” (CR, p. 10). Em Mato Grosso, “a região Noroeste abriga o último maciço da floresta no estado e sofre forte pressão para exploração madeireira e ocupação de novas áreas para a produção agropecuária”. “Entre os meses de agosto e dezembro de 2015, 419 km<sup>2</sup> de Floresta desapareceram do mapa no estado (...)” (CR, p.10). Outras regiões brasileiras também sofrem com o desmatamento ilegal, como é o caso de Colniza, em Cuiabá, “que responde por 19% de todo o desmatamento ilegal registrado em MT”, informa o mesmo Jornal.

É evidente que o desmatamento traz conseqüências nefastas à vida selvagem, como, aliás, registra Morris na citação acima. Mas não somente à vida selvagem. Ao próprio ser humano que habita as florestas que ainda restam, seu habitat natural. Desmatar para interesses de grupos de fazendeiros para produção agrícola tornou-se uma epidemia cujas conseqüências já podemos sentir em todo o planeta. O desrespeito, a crueldade, aliados à corrupção e à indiferença para com os complexos biomas, além da impotência e incompetência de governos para estancar de vez essa avidez por lucros simulados de benfazejos interesses de alimentar a humanidade, é algo que não podemos mais aceitar. E Desmond Morris destina inúmeras páginas a essa tragédia que assola a humanidade e que carrega consigo a nossa própria destruição enquanto espécie...

Uma das teses centrais do livro e, talvez, a mais crucial, é a denúncia que Morris faz em relação à explosão demográfica humana. Sentencia o autor que, “se o crescimento populacional humano não for contido, a vida selvagem desaparecerá” e que “A explosão populacional humana colocará tudo a perder”. Por que a explosão populacional humana é tão grave para a vida do planeta, incluindo a nossa existência? Ora, se ocuparmos os últimos espaços naturais que ainda restam e neles continuarmos construindo e ampliando espaços artificiais, para onde irão e como farão para sobreviver as demais espécies animais? Queremos um mundo somente de homens e máquinas?

A noção de Contrato e suas cláusulas é uma espécie de acordo tácito entre nós, humanos, e as demais espécies vivas, notadamente os animais selvagens ou domesticados. Por exemplo:

“Pastorear animais implicava um cuidado constante, mas evitava o tédio do cultivo da terra. Era um contrato interessante tanto para os homens quanto para os animais, afirmando simplesmente: eu cuido de você e lhe permito uma vida plena, ativa e natural, em troca de comer você no final dela”. (p. 96).

Mas o trabalho na fazenda – continua o autor – foi substituído. Criar gado agora é um processo mecânico, de produção em série. Um item do contrato foi rompido.

“A caça para sobrevivência transformou-se em caça para esporte (...), a permanência da ânsia de gozar da emoção gerada pela caça foi substituída pelo simples prazer de caçar. (...) Começamos a matar por diversão. (...). Tanto na África quanto em outros continentes, matar não exigia mais coragem do que a necessária para matar uma vaca na fazenda; esses novos caçadores nada mais eram do que assassinos pretensiosos. Um triste exemplo de um contrato transgredido” (p.89).

Se a atividade agrícola foi uma conseqüência do crescimento populacional humano a fim de alimentá-los, essa conseqüência tornou-se ao mesmo tempo a causa desse crescimento exponencial das populações.

“Nos primeiros três mil anos de atividade agrícola a população humana explodiu de dois a três milhões para cem milhões. À medida que as populações aumentaram e as fazendas cresceram em tamanho, a intimidade com os animais começou a ser perdida”(p.116).

Morris argumenta que a espécie humana não é uma espécie caracterizada por grandes quantidades do ponto de vista biológico: é uma espécie que necessita de qualidade. Essa qualidade (de vida) está objetiva e subjetivamente vinculada à homeostase, ou seja, ao equilíbrio sustentável de uma determinada povoação de humanos.

De fato, se mantivermos os mesmos padrões capitalistas de produção e consumo, a superpopulação humana, em nível local e planetário (por efeitos diretos e indiretos) poderá ficar cada vez mais miserável e se tornará fonte não apenas do extermínio de todas as espécies selvagens, animais e plantas, mas da própria humanidade. O autor conclui a sua obra com uma Declaração de Direitos para os animais, num conjunto de 10 itens que, embora sejam factíveis, está muito longe de ser implementado no mundo

de hoje. A nosso antropocentrismo associado a uma arrogante soberba em relação aos demais seres vivos nos tornará, com certeza, “em novos dinossauros, fósseis de alguma era futura”.

Convidamos você a ler a obra na íntegra e saber a sua opinião a respeito.